

À semelhança do cultivo sem proteção, o controle racional de insetos-pragas e doenças constitui-se em importante desafio para a cultura do tomateiro sob cultivo protegido.

No caso de doenças, as instruções para seu diagnóstico e controle encontram-se na publicação “Doenças do tomateiro” (Lopes e Santos, 1994) e “Cultivo de tomate” (Makishima e Miranda, 1995), publicadas pela Embrapa Hortaliças. Entretanto, o cultivo protegido requer especial atenção para algumas delas, em virtude do ambiente em questão apresentar peculiaridades relacionadas principalmente à dificuldade de rotação de culturas e ausência de molhamento foliar.

A dificuldade de se fazer rotação de culturas com gramíneas, conforme recomendado para culturas a céu aberto, resulta na contaminação ano-a-ano por patógenos de solo, tais como bactérias, fungos e nematóides. Estes patógenos são de controle químico muito difícil, a não ser pela fumigação do solo com o brometo de metila, produto que, por razões ambientais, não estará disponível no mercado dentro de poucos anos. Como alternativa ao controle químico, recomenda-se observar uma série de medidas preventivas, tais como plantio de cultivares resistentes, manejo adequado da água de irrigação, escolha de solos bem drenados, espaçamento que permita arejamento entre as plantas, uso de matéria orgânica (principalmente para o controle de nematóides), uso de sementes e mudas de boa qualidade e rotação de culturas com espécies não suscetíveis a doenças do tomateiro.

Dentre as doenças de solo mais comuns, destacam-se as murchas provocadas por *Fusarium oxysporum* f.sp. *lycopersicy*, *Verticillium dahliae* (V. *albo-atrum*), os nematóides de galhas (*Meloidogyne* spp.), a murcha-

bacteriana (*Ralstonia solanacearum*), a murcha-de-esclerócio (*Sclerotium rolfsii*), a podridão-de-esclerotínia (*Sclerotinia sclerotiorum*). As três primeiras são controladas efetivamente com o uso de cultivares resistentes. As demais podem causar perdas consideráveis e inviabilizar a área para novos plantios principalmente se houver um manejo inadequado da água, principalmente excesso de irrigação. O manejo correto da irrigação está descrito no item 7.2. A presença de “mulch” preto pode manter a temperatura e a umidade muito altas, favorecendo a ocorrência da murcha-bacteriana.

As doenças da parte aérea são normalmente de mais fácil controle em ambiente protegido, pois os fungicidas não são lavados após a aplicação pela chuva ou pela água de irrigação por aspersão. Entretanto, doenças pouco comuns em cultivos convencionais podem se tornar sérias em cultivo protegido, como acontece com o oídio (*Erysiphe cichoracearum* e *Leveillula taurica*) e com a mancha-de-cladospório (*Fulvia fulva*). Nestes casos, o uso de fungicidas, registrados para a cultura e aplicados de maneira correta, podem tornar-se indispensáveis. Plantios de verão são sujeitos ao ataque do talo-oco (*Erwinia* spp.) que normalmente provoca a morte da planta. Como a bactéria penetra por ferimentos, deve ser feito cuidadoso controle de insetos mastigadores (lagartas) e as desbrotas devem ser feitas no momento correto, para não provocar grandes portas de entrada para o patógeno. A boa ventilação da estrutura reduz a ocorrência de várias doenças foliares, tais como a requeima (*Phytophthora infestans*), a pinta preta (*Alternaria solani*), a septoriose (*Septoria lycopersicy*), a mancha-bacteriana (*Xanthomonas campestris* pv. *vesicatoria*) e o talo-oco.